

Recebido em: 14-12-2023

Aceito em: 08-04-2024

## A PRÁTICA DA BIBLIOTERAPIA COMO FORMA DE CUIDADO PARA MÃES DE CRIANÇAS AUTISTAS DA AMA CONESUL - RO

Michele Nascimento Melo Magalhães<sup>1</sup>  
Carla Sousa<sup>2</sup>

**Resumo:** A maternidade atípica é aquela em que a mãe vivencia uma evolução da criança fora da normalidade por possuir atrasos no desenvolvimento, em consequência de alguma deficiência. O presente artigo delimita a pesquisa nas mães de crianças autistas do interior do Estado de Rondônia, na região conhecida como Cone Sul. Estas mães participaram de um ciclo de quatro encontros de Biblioterapia. Foi verificado o impacto da Biblioterapia na vida destas mulheres, por meio da gravação das respostas durante os círculos, bem como através de questionário final. Foi possível perceber o fortalecimento do vínculo nessa rede de apoio, assim como manifestação de melhoria no autoconhecimento e gratidão pelo processo vivido.

**Palavras-Chave:** Biblioterapia. Maternidade atípica. Transtorno do Espectro Autista.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta como a prática de Biblioterapia é eficaz na melhoria na qualidade de vida de seus participantes, no caso, mães atípicas de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Mas, antes, peço licença aos leitores deste artigo porque devo me apresentar. Sou mãe de um menino dentro do Espectro Autista. Cheguei a Colorado do Oeste, em agosto de 2018, vinda da capital do Estado de Rondônia e foi aqui que enfrentei uma triste realidade. Não havia nenhum tipo de assistência para suprir as necessidades das crianças autistas e o que dirá para as mães. Em meio a essa situação, uma mãe criou um grupo de WhatsApp onde reuniu vários familiares de crianças autistas,

<sup>1</sup> Especialista em Biblioterapia e Mediação da Leitura Literária pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) na modalidade Educação a Distância (EaD). Formada em Matemática e Letras Inglês e suas Respectivas Literaturas. Mestra em Engenharia de Energia. E-mail: michelenm@msn.com

<sup>2</sup> Professora Orientadora na Especialização em Biblioterapia e Mediação da Leitura Literária da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) na modalidade Educação a Distância (EaD). Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: contato@dosesdebiblioterapia.com

**BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo**



sendo essa a semente da Associação de Pais e Amigos do Autista de Colorado do Oeste e Região/RO – AMA CONESUL.

Apesar de estarmos juntas nesse grupo e fazermos o máximo possível para melhor desenvolvimento das nossas crianças, sentimos que os familiares, mais notadamente as mães, ficam de fora dos cuidados. Por este motivo, há a necessidade de se realizar projetos em que se dê a devida atenção a estas mães. Afinal, quem cuida também precisa de cuidados. A prática de Biblioterapia seria, portanto, uma ferramenta essencial para a obtenção desse momento de autoconhecimento, autocuidado e bem-estar.

A pesquisa se realizou durante a execução de quatro círculos de Biblioterapia, denominados de Ciclo de Acolhimento AMA & Cuida, com obtenção das percepções das participantes nos encontros, bem como com a aplicação de um questionário ao final do ciclo.

## **2 A MATERNIDADE ATÍPICA E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA**

Historicamente, a mulher foi criada para constituir família, ser mãe. Apesar das evoluções e revoluções que ocorreram, a maternidade ainda é idealizada. Muito se fala do papel da mãe como provedora do carinho e do cuidado pelos filhos. E, no mesmo grau, a culpa de tudo o que possa acontecer com a criança está sob responsabilidade desta mulher. De acordo com Gama (2019, p. 42), “quando a maternidade vem acrescida de alguma deficiência, as cobranças externas e internas são ainda maiores e geram, entre as mulheres que vivenciam esse ‘ser mãe’ dúvidas, medo e apreensão”.

As mães de crianças com deficiência vivenciam o que chamamos de maternidade atípica, que é aquela que possui características específicas e se diferencia do que seria típico, ou seja, do que é considerado normal. A normalidade neste caso está relacionada com a norma ou padrão. A criança considerada típica passa pelos marcos do desenvolvimento infantil, sem nenhum tipo de atraso ou dificuldade observada pelos profissionais que a acompanham, como médicos pediatras e professores. Já a criança com deficiência pode ter um ritmo de aprendizado e de desenvolvimento mais lento ou com desarmonia ao que seria esperado.

Segundo Ferreira (*apud* Gama, 2019, p. 43), a mãe de uma criança com deficiência, “quando se depara com o diagnóstico pode ter sentimentos como incerteza, insegurança e solidão”. Além de

### **BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo**

uma espécie de luto que a mãe sofre, com a perda do filho idealizado, a mãe atípica enfrenta uma sobrecarga. E qual mãe de criança com deficiência nunca ouviu as terríveis frases: *Você é uma guerreira* ou *Eu não teria a força que você tem?* Essas frases, além de romantizar a maternidade atípica, são extremamente capacitistas, uma vez que supõe que a mãe tem que ter força o suficiente para aguentar o dia a dia desgastante, já que ela “foi escolhida” para viver essa situação.

Além disso, a mãe também enfrenta muitas vezes a responsabilização pela deficiência da criança, por ter feito (ou não) algo que talvez tivesse gerado essa consequência. Ou ainda que seria algum tipo de castigo divino tanto para a mãe quanto para o filho. E essa culpabilização não vem apenas de familiares. De acordo com Brites e Brites (2019, p. 31),

As primeiras teorias, como a psicanalítica, defendiam que o autismo era uma condição resultante da inadequada relação afetivo-emocional entre a mãe e o futuro bebê gerado pela ruptura precoce da ilusão de continuidade entre eles, levando a um desmantelamento e a uma angústia de aniquilamento.

Se já é impactante pensar na existência dessa teoria, conhecida popularmente como “mãe-geladeira”, nos primórdios das pesquisas sobre autismo, se torna ainda mais absurdo saber que ainda hoje alguns profissionais despreparados ainda veem como falta de interação entre mãe e o filho ou o uso excessivo de celulares como fatores geradores das características da pessoa autista. Em outros termos, a mãe teria uma parcela de culpa por seu filho ter nascido assim.

Quando pensamos em deficiência, a imagem que vem em nossa cabeça é uma pessoa em cadeira de rodas ou com alguma limitação física. No entanto, existem deficiências que não são visíveis no primeiro momento, como, por exemplo, a deficiência auditiva. Por não ser de fácil percepção, as famílias sofrem julgamentos e enfrentam dificuldades para terem acesso a inclusão efetiva. Dentre as deficiências não aparentes, existe o Transtorno do Espectro Autista (TEA). De acordo com o Ministério da Saúde (2022, p.1),

O Transtorno do Espectro Autista é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por **desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação** e na **interação social**, padrões de **comportamentos repetitivos e estereotipados**, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades.

## BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Ao contrário do que é popularmente difundido, o TEA não tem cura, uma vez que não é uma doença. Além disso, por ser um transtorno de neurodesenvolvimento, todo autista nasce autista. Cresce, vive e envelhece autista. Não há nada que possa mudar isso. Segundo Silva e outros (2012, p.94), “receber o diagnóstico de autismo é sempre impactante para os pais. A partir desse momento, brota um turbilhão de situações e emoções inesperadas no seio familiar: angústias, conflitos, frustrações, medos, inseguranças”. No entanto, isso não é uma sentença final. Para Brites e Brites (2019, p. 37), “o autismo é um transtorno de desenvolvimento que afeta de maneira decisiva e predominante nossa capacidade de percepção social”. Em outras palavras, a pessoa com autismo possui dificuldades em três aspectos principais nas habilidades sociais, no comportamento e na comunicação. São necessárias horas das mais variadas terapias e estimulações para que a criança se desenvolva e adquira a autonomia. Eles são capazes de aprender, mas é preciso que seja despertada essa capacidade. Por esta razão, as famílias precisam de dedicação, tempo e, muitas vezes, de recurso financeiro para conseguir o máximo do desenvolvimento dos seus filhos. Segundo Christmann et al (2017, *apud* Leme, 2022, p. 1), “existem pesquisas indicando que o diagnóstico de TEA pode gerar uma fonte de estresse para os pais”. Estes autores ainda ressaltam que “cuidar de quem cuida é de suma importância e urgente”.

E quem acaba tomando as rédeas desse processo? Em sua grande maioria, é a mãe. É ela que leva o filho para o Psicólogo, ao Terapeuta Ocupacional, ao Fonoaudiólogo, ao Neuropediatra e a tantos outros profissionais que permeiam a vida da pessoa autista. E é tão bom quando temos acesso a esses profissionais, o que não é a realidade de todos. Como todos sabem, a mulher não se restringe apenas na maternidade, sendo responsável pelos cuidados diários da casa, além de trabalhar fora. Em meio a tal rotina, em que momento a mulher pode ser ela mesma?

Para aliviar um pouco desta carga, é imprescindível que ela possua uma rede de apoio. Ainda de acordo com Christmann et al (2017, *apud* Leme, 2022, p.1), “é fundamental que essas mães busquem e encontrem o apoio que precisam para superar os desafios da criação de uma criança com TEA”. Essa rede de apoio pode ser dentro ou fora do núcleo familiar. E foi nessa busca por uma conexão entre um grupo de mães que surgiu a Associação de Pais e Amigos do Autista de Colorado do Oeste e Região – AMA CONESUL.

## BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

### **3 ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DO AUTISTA DE COLORADO DO OESTE E REGIÃO – AMA CONESUL**

A Associação de Pais e Amigos do Autista de Colorado do Oeste – RO e Região começou sua estruturação em plena pandemia do COVID-19, em abril de 2020, mas que surgiu, em 2019, de um grupo de *WhatsApp* onde reunimos pais, professores e pessoas interessadas em conhecer mais sobre o Transtorno do Espectro Autista. Em meio a trocas, percebemos que temos os mesmos problemas e dificuldades. Somos capazes de nos reconhecer na fala do outro, no preconceito enfrentado pelo outro. Isso gerou em nosso convívio a aceitação das semelhanças e particularidades. Sentimos que seguramos a mão um do outro para ultrapassar barreiras. Mas, apenas apoio e empatia não eram suficientes para quebrar barreiras, foi observada a necessidade de se criar uma associação para lutar por políticas públicas e buscar um futuro melhor para nossas crianças e adolescentes.

Desta forma, criamos a nossa Associação, que abrange os Municípios de Colorado do Oeste, Cabixi, Cerejeiras, Pimenteiras do Oeste e Corumbiara – RO. A Associação de Pais e Amigos do Autista de Colorado do Oeste – RO e Região - AMA CONESUL tem por finalidade a beneficência, defesa, proteção e promoção de pessoas com autismo, observando suas características, promovendo sua inclusão social, integrando-as na vida comunitária e de seus familiares.

#### **3.1 Por que Cuidar das Mães da AMA CONESUL?**

Conforme já me apresentei, sou mãe de um menino dentro do Espectro Autista e, por esse motivo, também vivencio os medos e as lutas que as mães da AMA CONESUL enfrentam todos os dias. Mas tem um lema em nossa Associação que faz muito sentido: Juntos somos mais fortes. De acordo com Gama (2019, p. 43),

O compartilhamento da maternidade com outras mulheres que vivenciam a experiência atípica pode ser essencial para a saúde mental dessas mães, ampliando as relações que reforçam a ideia de rede de apoio enquanto ativo social, enquanto baseadas em suporte e empoderamento entre as mulheres que compõem o núcleo do grupo, como fortalecimento de uma identidade coletiva.

**BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo**

Em uma região fora do eixo da rodovia federal BR-364, no interior do Estado de Rondônia, em uma longínqua cidade pequena, tudo tão longe, tão difícil, essas mães lutam por atendimento médico, políticas públicas, acompanhamento educacional e terapêutico para seus filhos. Não tem tempo e nem recursos financeiros para buscar seu próprio cuidado. O sobrecarregamento é inevitável, mas é preciso buscar apoio para conseguir seguir em frente. Como forma de trazer esse momento de bem-estar, foi proposto o Ciclo de Acolhimento e Biblioterapia AMA & Cuida. Para compreender melhor do que se trata esse ciclo, explanaremos sobre o que é Biblioterapia.

#### 4 BIBLIOTERAPIA

Se partirmos da etimologia da palavra, a Biblioterapia “é composta de dois termos de origem grega, ‘livro’ e ‘terapia’. Deste modo, a ‘biblioterapia’ é a ‘terapia por meio de livros’” (Ouaknin, 1996, p. 11). No entanto, essa definição é superficial, uma vez que gera uma ideia equivocada do que realmente é essa área de estudo. Afirmar que são os livros que curam as pessoas é simplificar demais o conceito de Biblioterapia, uma vez que há histórias bem antes de haver os livros. Havia diversos contadores de histórias pelos séculos, que foram capazes de transmitir oralmente contos, lendas e mitos que até hoje são conhecidos por nós.

Não são os livros que geram o cuidado, eles são “apenas as cápsulas que contêm o medicamento – as histórias – e a metáfora é o princípio ativo”, segundo Sousa (2021, p.37). Para Estés (1998, p. 37), “as histórias podem ensinar, corrigir erros, aliviar o coração e a escuridão, proporcionar abrigo psíquico, auxiliar a transformação e curar ferimentos”. De acordo com Clarice Fortkamp Caldin (apud Sousa, 2021, p. 59), a Biblioterapia é “o cuidado com o desenvolvimento do ser humano por meio das histórias, sejam elas, lidas, narradas ou dramatizadas”.

Além desse equívoco quanto a definição vinda do termo *biblio*, temos também a incompreensão da palavra terapia. No caso, a terapia não está relacionada com tratamento, mas com cuidado e bem-estar. Este cuidado parte do princípio de que a Literatura é a “catalisadora do processo terapêutico” (Seixas, 2021, p. 117), por ser uma “fonte de prazer, conhecimento e vínculo” (idem, p. 51).

O círculo de Biblioterapia é um processo que, através do diálogo, constrói significados, com propósito de “nomear o medo e a esperança. Colocar palavras onde há rosas e também onde há

#### BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

espinhos. (Reys, 2021, p. 78). Assim, os participantes, bem como o mediador, expõem suas percepções quanto ao texto compartilhado, revelando como a leitura o tocou, onde se identificou e o que mais quiser dividir com os demais. Devemos ressaltar que a partilha é acolhida sem julgamentos e os silêncios são respeitados.

## 5 CICLO DE ACOLHIMENTO AMA & CUIDA

O Ciclo de Acolhimento AMA & Cuida ocorreu nos dias 15 de março, 12 de abril, 10 de maio e 14 de junho de 2022, sempre no horário das 19h30min, de forma virtual através de *Google Meet*. Cada círculo possuía um tema proposto, que poderiam ser vivenciados separadamente, mas que fazia muito sentido que as mães participassem de todos os encontros, uma vez que seguiam uma sequência de lógica de autocuidado. O convite foi através do grupo de WhatsApp da Associação, onde foi apresentado o ciclo, com os temas, datas e horários, deixando em aberto para quem quisesse participar entrar em contato com a mediadora. Para Claudia Antônio (apud Seixas, 2020, p. 36), a Biblioterapia é

a prática terapêutica que utiliza os livros, os textos literários e a poesia como seus instrumentos de promoção de sensações de bem-estar, de melhoria de relacionamento consigo próprio e com os outros, de autoconhecimento e de prazer e entusiasmo que levam a prolongar os momentos de leitura fora dos eventos e/ou sessões de Biblioterapia.

No primeiro encontro, foi proposto como temática se enxergar como ser humano com vontades, desejos e necessidades. Já no segundo encontro, foi a busca pelo autoperdão, gentileza e amor-próprio. No terceiro encontro, a reflexão foi voltada ao quanto vivemos pequenas felicidades todos os dias e a gratidão que devemos carregar por essas boas sensações. Finalizando, no quarto encontro, com o fortalecimento dos vínculos e criação de rede de apoio entre as mães da Associação. Nas palavras de Bajour (2022, p. 27), “a escolha de textos vigorosos, abertos, desafiadores, que não caiam na sedução simplista e demagógica, que provoquem perguntas, silêncios, imagens, gestos, rejeições e atrações, é a antessala da escuta”.

## BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Foi com a intenção de provocar a fala das participantes, bem como o acolhimento que a escuta proporciona, que foram selecionados os textos e as músicas utilizadas durante o ciclo. Para que os encontros tivessem o efeito desejado, foi utilizada a Mediação Afetuosa da Literatura, definição da prática de Biblioterapia, de acordo com Sousa (2021, p. 76) em que o princípio é “abraçar, acolher, encontrar o outro por meio das palavras do texto, do olhar, da fala e da escuta amorosa”.

Os encontros contavam com poucas participantes para que houvesse mais tempo de reflexão e interação entre as mães, gerando assim um movimento de acolhimento e compreensão entre elas. Além disso, fizemos questão de afirmar que tudo o que fosse compartilhado naqueles momentos ficariam dentro do círculo, dando assim espaço para desabafos sinceros, onde foi possível expor com nomes, locais, situações que tanto afligiam, sendo possível sentir o abraço entre cada uma de nós. Afinal, todas nós sabíamos bem como eram aquelas dores compartilhadas por já ter vivido de alguma forma situações semelhantes.

O público-alvo deste Ciclo de Biblioterapia eram mães atípicas da AMA CONESUL, mas teve a presença de outras mulheres com parentesco próximo de crianças autistas, como tia, no segundo, e avó, no último encontro, juntamente com a mãe. No segundo encontro, estava uma amiga de uma mãe, por ela estar na casa dela durante o encontro e, de acordo com quem convidou, seria também algo muito bom para ela. Em sua maioria, já participaram de algum outro encontro realizado no ano anterior. Em 2021, foram realizados seis encontros de Biblioterapia com integrantes da AMA CONESUL. Por esse motivo, as participantes já sabiam como funcionava a sessão. Algumas mães, que fizeram anteriormente, falaram que não poderiam mais participar de todos os encontros do ciclo por ter voltado ao trabalho ou estudo no horário proposto para os círculos. Todas estavam cientes da pesquisa que estava sendo realizada.

Devemos ressaltar que algumas mães, que não participam ativamente das reuniões ordinárias ou não estão nas mobilizações criadas pela AMA, fizeram questão de estar presentes em, ao menos, um círculo. E lá puderam também expor suas angústias, sempre com o compromisso de não serem julgadas. Afinal, no mundo, há julgamento por todos os lados, todos os dias.

Nesse artigo, as participantes são identificadas por letras para manter o anonimato das respostas dadas. Ao total, foram 14 participantes. Em média, cinco por encontro. As participantes A e B

## BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo



estiveram em todas as rodas; as participantes F e G em duas. As demais participaram em apenas um encontro nesse ciclo.

No primeiro encontro, com o título “Autoamor para tempos desafiadores”, estiveram presentes cinco mulheres. Como forma de apresentação, as participantes foram convidadas a responder se elas pudessem viver de algo que gostam de fazer o que seria. Essa sugestão abriu para várias possibilidades e elas falaram sobre sonhos que nunca tinham falado antes, como uma delas que disse que viveria da dança e outra da música. Após, a música “Refúgio”, do trio Cidrais, embalou o momento, como inspiração para que me dissessem onde fica o refúgio delas. A maioria ressaltou o quarto como o local onde podem ficar sozinhas. Também foi citado Deus como refúgio. Com a leitura do conto “Princesa mar-a-mar”, as mulheres deram suas respostas quanto a como se descreveriam se fossem o Embaixador. Revelaram suas percepções de si, explicando de maneira profunda o porquê dos objetos citados. Ouro, águia, mar, gato e livro foram os objetos escolhidos. Ao final, elogiaram a iniciativa do projeto.

Vale ressaltar que algumas participantes afirmaram que o encontro fez refletir, o que acabou sendo um encontro com a própria essência. A participante A falou que o círculo de Biblioterapia é o espaço de encontro onde pode se ter um tempo para si. Também teve quem afirmou que se identificou com o texto principal e com as histórias de vida das demais colegas, sendo essa uma ótima oportunidade de se abrir e que isso a ajuda a amadurecer. A participante B disse que foi possível fazer uma análise sobre seu passado-presente-futuro durante a dinamização.

A participante C mandou por escrito a seguinte percepção: “Quero agradecer por esse momento, onde paramos para nos encontrar no nosso eu, e vendo cada história incrível, e de nos conhecer mais”. Em palavras simples, a participante G mostrou o quanto a sessão a marcou, chegando a definir a Biblioterapia como algo que resulta paz para ela. Ao ouvir suas palavras, me senti surpresa e grata pela forma como as trocas ocorreram.

No segundo encontro, o tema proposto foi “Seja gentil com você”. A partir deste, as mães foram informadas que haveria a gravação do áudio do encontro, mas que nenhuma resposta pessoal seria divulgada, apenas aquelas que tivessem dentro daquelas dadas ao fim do encontro onde elas puderam dar suas percepções quanto à vivência.

## BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Com a presença de seis participantes, sendo que duas delas não são mãe: uma é tia que ajuda na criação e a outra foi convidada para participar, pois, segundo a amiga, “ela precisa participar de um encontro desse”. Após as apresentações, onde cada uma falou seu nome e o que mais gosta de fazer, iniciou-se com a leitura do texto “Se ter” do Bráulio Bessa. Questionou-se “o que você quer fazer com você?”. Em geral, relataram a necessidade de fazer algumas coisas a sós, desde um banho demorado a ir a uma academia de musculação.

Foi realizada a leitura do texto principal “A pecinha”, de autoria da mediadora e, em seguida, um trecho do capítulo 2 do livro Pra você que teve um dia ruim, do autor Victor Fernandes “Fazer uma faxina no quarto às vezes nos incentiva a fazer uma faxina na vida”. Foi proposta como dinamização que respondessem: “Você já foi em um algum momento da sua vida como a pecinha e deixou tudo de lado para viver algo que te faz bem? O que você quer limpar da sua vida? E o que você nunca jogaria fora?” Compartilharam dificuldades, dores e tristezas. Ressaltaram o amor, a fé, as amizades, a família, o perdão. Guardariam as lembranças e memórias. A amiga ressaltou a necessidade de se permitir recomeçar.

Embaladas pela música “Me curar de mim”, de Flaira Ferro, foi sugerido que cada uma dissesse o que foi para elas esse encontro. Na próxima seção, há a transcrição do que foi dito ao final do encontro. As participantes estavam cientes da gravação do áudio.

Como uma das participantes (F) propôs uma música, “Certas coisas pra dizer”, foi feita a leitura, pois não tinha como verificar se havia algum vídeo com a letra para passar, pois a sugestão foi em meio as considerações finais. Só foi realizada a leitura dessa música porque esta participante é uma pessoa que não é muito participativa em eventos da AMA CONESUL. Por isso, a mediadora valorizou o que ela propôs, mesmo correndo o risco de ir para algum outro tema que não fosse pertinente. Após as considerações, foi lido o texto “Pensando na vida”, de Eulina Ferraz do livro Palavras Soltas cheias de Amor.

O encontro sobre Pequenas Felicidades foi realizado com quatro participantes, sendo que duas delas nunca tinham participado de um círculo de Biblioterapia. Por isso, foi explicado o que é a Biblioterapia e cada uma se apresentou. Após a leitura do texto Acolhimento de @akapoeta e ouvir a música “Felicidade”, de Marcelo Jeneci, foi sugerido que escrevessem sobre “o que faz a chuva passar e vir o sol em sua vida?”. Falaram em amor, amizade, família e, sobretudo, Deus.

## **BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo**

Como leitura principal, foi lido sobre “A arte de ser feliz”, de Cecília Meireles. Foi solicitado que respondessem: “Onde você vê suas pequenas felicidades?”, que elas deveriam falar sobre onde encontram a felicidade e que, no dia seguinte, a mediadora encaminharia uma poesia autoral que fala sobre todas as felicidades citadas. Com essa proposta, elas deram respostas mais longas do que as que normalmente fazem, gerando uma necessidade de se abrir mais e falar mais sobre como lidam com as dificuldades que surgem na vida. Elas iam pegando o fio da resposta da anterior para responder o que demonstrou uma coesão entre si. Logo, em seguida, as participantes começaram a fazer suas considerações espontaneamente, pois duas delas queriam agradecer por ter mudado o dia delas com aquele encontro. Estas falas estão transcritas abaixo quando tratar sobre os componentes biblioterapêuticos e outras considerações.

Finalizamos o encontro com a leitura do texto “Janelas”, de Eulina Ferraz no livro Palavras Soltas cheias de Amor. Novamente foi aberto espaço para que falassem como foi o encontro na percepção delas. As demais que não haviam falado antes agradeceram. Uma delas reforçou para que as outras não desistissem, fazendo uma analogia com a chuva e o arco-íris.

O último encontro contou com seis participantes, cujo tema foi “Menos nós, mais laços”. Iniciamos com a leitura da poesia “Nós”, da autora Eulina Ferraz. Em seguida, ouvimos a música “Caminhos do Coração”, de Gonzaguinha. Após a leitura do texto “Sou feita de retalhos”, de Cris Pizzimenti, como dinamização, foi proposto que anotassem ou desenhassem do que elas são feitas, quem são as pessoas que a formaram. Teve quem desenhou um coração com nomes. Teve também uma árvore com raiz nos pais e na fé, tronco de família e folhas de amigos e tantas outras coisas. Mas a maioria decidiu fazer uma lista por alegar não saber desenhar. Ainda assim a troca foi muito especial, pois houve momentos em que algumas participantes ficaram emocionadas ao contar histórias de suas vidas, percebendo a importância das pessoas que formam sua rede de apoio. Finalizamos o encontro com leitura do texto “Sintonia” do @akapoeta.

## 5.1 Relatos das Participantes

Para Pardini (2022, p. 83), “a biblioterapia começa, quando o texto termina de ser lido. É na interação que liberamos as emoções”. Após o fim deste último encontro, foram realizadas questões

**BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo**

diretas para saber o impacto deste ciclo para cada uma das participantes. No entanto, havia duas mulheres que não participaram do ciclo, vindo apenas nesse último dia. Por esse motivo, outras perguntas foram formuladas apenas para elas. Estas duas participantes, I e J, já haviam participado no ano anterior. As questões foram feitas todas de uma vez e foi dado um tempo para que cada uma pensasse na resposta. E foram elas:

1. O que significou participar do ciclo de acolhimento?
2. Qual temática mais marcante e por que?
3. Você participaria de mais algum ciclo e se convidaria mais alguém?

As participantes A e B estiveram em todos os encontros realizados. A participante A foi a primeira responder. Sua resposta segue transcrita abaixo:

Eu participei de todos os encontros. Todos foram igual para mim na questão do autocuidado, né? É aquele momento que a gente pode partilhar que você ouve o outro. Muitas vezes encontra no depoimento do outro, algo que você também vive, que você se identifica e que muitas vezes parece que está ouvindo a outra pessoa falando de você. Só que ela está falando dela. São situações que a gente vive no dia-a-dia que muitas vezes a gente se sente sozinho e você ouvindo outra pessoa falar, às vezes você vê uma forma de se sobressair daquela situação. Então todos os momentos foram momentos especiais, de partilha, de autocuidado. Aquele incentivo para a gente se olhar no espelho, de tirar um tempinho *pra* gente. De se ouvir e de olhar coisas que o dia a dia a gente não pára para olhar. Então assim para mim é muito gratificante participar de outros e com certeza eu convido mais pessoas para participar. Sobre a segunda pergunta, eu sempre gosto muito do agora, né? Eu sou uma pessoa que gosta do agora, né? Mas teve o tema Seja gentil com você (...) em algum momento a gente tem que parar olhar para nós mesmos, sendo gentil conosco mesmo, olhar e falar que eu sou bonita, que eu sou forte, que eu sou corajosa. Então foi uma coisa assim que, na correria do dia a dia, quando você passa em frente ao espelho você volta e diz deixa eu me ver de novo (risos). Então eu acho que assim de repente foi aquele em que eu mais me identifiquei. (Participante A)

Logo em seguida, a participante B também apresentou suas considerações em relação a todo o ciclo de acolhimento.

## BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

O que eu mais achei importante na Biblioterapia foi me descobrir, foi o processo de se conhecer melhor, assim como a A disse, de ouvir o outro falar. Enquanto o outro está falando ali, você não sabe da intimidade dele, você não sabe exatamente do que ele está se referindo, mas enquanto ele está falando, você está medindo teu Eu. Às vezes eles estão falando dele como ele responde e você está analisando se você responde positivamente ou negativamente, qual é a sua resposta. Eu aprendi muito avaliar mais os detalhes das coisas. Eu acho que detalhes que passam despercebidos da gente nas circunstâncias, né. E o tema que, para mim, foi muito legal, que até hoje eu lembro, é aquela das pequenas felicidades, que já é uma coisa que eu tinha por escolha, consciência de que a gente não é feliz o tempo todo, a gente é feito de pequenas felicidades que se tornam uma grande felicidade. Porque tem dias que são pequenos choros, mas o resultado final tem que ser as felicidades, mesmo que, no meio do caminho, tenha umas interferências e isso para mim foi muito importante. Tomo isso para mim. E, encerrando, com certeza, eu convido muita gente para participar nesse ciclo, no outro ciclo, sempre convido e sempre vou continuar convidando, porque o efeito é muito bom. Às vezes, você nem consegue ver o efeito naquele dia, porque é um processo como toda terapia, na verdade, você aprende um pouquinho hoje, você reflete um pouquinho amanhã, você se conhece um pouquinho melhor depois de amanhã. E hoje que tem um tempo que estou participando percebo o tanto que eu já aprendi, somando a cada encontro. Tanto que hoje, quando você perguntou qual foi a mais importante para mim, e você falou o tema Pequenas Felicidades, eu pensei que esse dia foi muito especial, como eu aprendi nesse dia. Então eu acho que, com certeza, eu continuo convidando. (Participante B)

Como citado anteriormente, havia pessoas que estiveram apenas nesse último encontro do ciclo, mas já tinham participado no ano anterior de outros encontros. Para estas a questão foi “Por que você voltou a participar de um encontro de Biblioterapia?”, cujas respostas seguem abaixo:

Teve um encontro da vez passada que eu estava passando por uma fase bem difícil e me motivou bastante. Eu senti muito naquele encontro, sabe? Eu gostei muito. Até convidei minha mãe para participar com a gente. Convidei bastante gente, né? Porque assim foi um momento especial, um momento gostoso, né, que eu estava precisando naquele momento. E assim, eu gostei, gostei muito. (Participante I)

Eu só deixei de participar porque comecei a trabalhar (local) e o horário é o horário que eu estou lá. Às vezes com aluno, atendendo eles assim presencialmente, então não houve mais possibilidade, mas sempre que você postava um encontro, eu ficava com comichão para participar. Primeiro porque a leitura é uma das minhas grandes paixões e quando a gente faz a leitura de modo coletivo como o que você propôs e ouvindo o entendimento ou a visão ou a percepção de cada pessoa tem daquela

## BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

leitura, da forma que vê, da forma que compreende, isso é claro que traz para a gente muito mais. Agrega muito mais sobre aqueles textos. Aliás, os seus textos são sempre muito bacanas, muito ricos e faz muito bem para a gente ouvir essas coisas. Quanto aos cuidados que falou A, falou B, esses pequenos prazeres é a leitura com certeza, que é aquilo que a gente gosta, não interessa o que seja, a gente precisa ler tudo, mas acho que fundamentalmente tem que ler o que gosta. E aí os seus encontros proporcionam isso, sabe aquele bichinho que dá uma coceirinha boa que quanto mais você coça mais você gosta. É bem isso dos poucos encontros que eu participei. E eu desejo de verdade continuar. Mas quero sim voltar e compartilhar, porque coisa boa a gente tem que dividir sempre. Parabéns para você, para as meninas que participaram. E que a gente faça bom uso disso em nossa vida. Estando bem, tudo ao nosso redor fica bem. (Participante J)

Durante os encontros 2 e 3 do ciclo de acolhimento, conforme já explicado, os áudios dos encontros foram gravados. Desta forma, foi possível constatar a presença dos componentes biblioterapêuticos nas respostas dadas, conforme os trechos selecionados abaixo:

## 5.2 Identificação

De acordo com Caldin (2009, p. 164), “basta, para que se efetue a fruição, o receptor da obra literária se identifique com a personagem que proporcionou o desabrochar da afetividade”. A identificação pode ser percebida por um participante durante o encontro e, com o compartilhamento de suas impressões, faz com que os demais também se sintam tocados.

Eu gostei de ouvir cada pessoa, porque a gente acaba se identificando com o que o outro fala. (...) Para mim, assim, é muito legal aqui para falar sobre algumas coisas que a gente acaba ouvindo os outros e acaba ficando leve também. Porque a gente não se sente só. (Participante A)

E ver que eu não estou sozinha e isso é o mais importante. Olhar e ver que cada uma tem uma limitação. Que cada uma tem buscado melhorar cada dia. Eu participar do grupo é pensar que “ah, você não está sozinha” (Participante D)

Vocês conseguiram me tirar um sorriso, conseguiram fazer com que eu conversasse, então eu agradeço. (Participante C)

## BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

### 5.3 Introspecção

Para Caldin (2009, p. 185), a introspecção é “uma reflexão, um olhar comprometido com o que se passa em mim”. Essa reflexão é um processo mental consciente, podendo gerar uma aceitação de si ou mesmo uma mudança de comportamento.

Há alguns anos eu deixei de focar no outro e focar mais em mim. Me curar de mim foi muito importante. Me conhecer para me aceitar. E hoje me veio muito essa reflexão, sobre me curar de mim. Hoje para mim finaliza numa *vibe* de leveza, uma coisa assim suave, mas, ao mesmo tempo, reflexivo. (Participante B)

Eu quero viver uma coisa, mas eu não tenho me permitido fazer essa faxina. Eu até anotei aqui que eu preciso me permitir viver novamente, recomeçar. Fazer essa faxina, retornar. Porque tudo isso começa de dentro para fora. (Participante D)

Foi muito bom participar e me olhar para dentro. (Participante E)

Mas o que fica, o que sempre que fica, é reflexão. Esse momento é tão único que eu paro para pensar em coisas óbvias, mas com o tempo a gente não pensa naquilo. E esse momento faz a gente pensar, parar, refletir e tentar levar uma direção de me fazer sempre melhor. (Participante F)

A gente acaba falando muito pouquinho, claro, uma pequena partícula de tudo o que a gente está sentindo nesse momento. A gente vai no foco do que você falou. Mas o turbilhão que está aqui dentro, os questionamentos, é muito interessante porque faz a gente voltar lá atrás refletir, é muito bom, é muito gostoso, mesmo quando dá umas dorzinhas, é muito necessário. A gente fala algo mais superficial e raso por aqui, mas por dentro, no íntimo, ele está borbulhando. Eu vou sair daqui, mas vou ficar nos pensamentos. (Participante B, novamente)

### 5.4 Catarse

Ao falar sobre a força que se consegue com a união das pessoas, no último encontro, a participante A chorou. Não fechou a câmera ou se escondeu. Falou que o texto “Sou feita de Retalhos”, de autoria de Cris Pizzimenti, e as situações que estava vivendo naquele momento fizeram-

**BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo**

na chorar e que o texto a tocou muito. O fato de uma participante chorar nos revela que, ao menos, ela estaria confortável em se expressar dentro do círculo.

A catarse acarreta uma liberação de emoções, que tem efeito de purgação, purificação, gerando o equilíbrio. Segundo Caldin (2009, p. 154), “ao tirar de nós um peso insuportável de ser carregado, a catarse alivia o mal que interrompe o fluxo da saúde e abre caminho para a plenitude do ser”. De acordo com Seixas (2021, p. 117), chorar “é sinal de expressão, de fluxo das emoções, o que, por si só, já é terapêutico”. Foi possível perceber a sororidade entre as participantes, culminando em um abraço virtual coletivo de apoio e carinho.

## 5.5 Outras percepções relatadas

Também foi possível perceber outras sensações percebidas pelas participantes durante o ciclo de acolhimento. Dentre eles, a gratidão. A participante G relatou que se sentia grata porque aquele encontro “devolveu o meu sorriso e a minha alegria”, assim como a participante H que afirmou: “você conseguiram me tirar um sorriso, conseguiram fazer com que eu conversasse, então eu agradeço. Vocês salvaram a minha noite”. Ambas vivenciaram o encontro 3, sobre “Pequenas Felicidades”.

Outro ponto declarado foi a percepção de que a prática de Biblioterapia auxilia no processo de autoconhecimento. A participante L afirmou que aquele momento é “onde paramos para encontrar nosso eu (...) e de nos conhecer mais”. Ela esteve no primeiro encontro sobre “Autoamor em tempos desafiadores”. A participante E escreveu no *chat* que “foi muito bom participar, me olhar para dentro”. Segundo Pardini (2022, p. 22), ouvir e contar histórias “aliviam as tensões, organizam ideias e libertam a imaginação, além de aprimorar o nosso conhecimento”. Inclusive podemos acrescentar o conhecimento sobre si.

Indo além dos encontros, foi possível perceber que dentro do grupo do WhatsApp houve uma maior movimentação e diálogo entre as participantes. Algumas passaram a se engajar nas atividades da Associação. Além disso, a participante G questionou a mediadora as referências de um texto lido

## BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo



no primeiro encontro após meses depois, ou seja, aquele texto marcou de forma que ela precisou entrar em contato com ele mesmo com o passar do tempo.

Segundo Rosangela Gomes Piedade (apud Seixas, 2022, p. 109), “a alma da biblioterapia alimenta tanto quem oferece quanto quem recebe, é uma relação de troca igualitária, sensível e respeitosa”. Esta afirmação se confirmou durante todos os encontros deste ciclo, uma vez que a mediadora também se sentiu acolhida em suas dores, pôde vivenciar o afeto e o companheirismo gerado pela roda e, por também pertencer a esse grupo, sentiu o fortalecimento do vínculo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados apresentados, pode-se concluir que a prática da Biblioterapia foi um fator fundamental para o crescimento da rede de apoio entre as mães atípicas da AMA Conesul, além de criar um círculo de confiança onde cada uma pôde dividir suas dores, dúvidas e alegrias. Houve, assim, a união de um grupo que se identifica entre si, mesmo com suas singularidades, deixando de lado o medo de ser ridicularizado ou julgado.

Ressaltou-se a importância do espaço para se expressar que gerou nas participantes a percepção do autoconhecimento e a promoção do bem-estar. Em geral, as mães afirmaram que passaram a ter um foco maior em suas próprias vidas, desejos e necessidades. Teve também a afirmação de que começaram a ser mais reflexivas.

Além do que foi percebido nos encontros, foi possível observar que estas mães passaram a fazer mais trocas no “mundo real”, além do grupo de WhatsApp, deixando para trás a solidão da mãe atípica, comumente vividos por elas. Este processo pode ser comparado a um casulo que eclodiu onde cada uma criou asas para voar. Mas ninguém segue em voo solo, porque formam agora um verdadeiro panapaná.

Vale destacar também que esses encontros foram, sem dúvida, um espaço de cuidado, ao utilizar a literatura com a abordagem biblioterapêutica. Essa prática pode ser utilizada em outros grupos, onde haja a necessidade dos participantes cuidem de si para, assim, cuidar do outro.

## BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

## REFERÊNCIAS

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança**. Disponível em < <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/>>. Acesso em 02 ago. 2022.

BRITES, Luciana; BRITES, Dr. Clay. **Mentes únicas**: aprenda como descobrir, entender e estimular uma pessoa com autismo e desenvolva suas habilidades impulsionando seu potencial. São Paulo: Editora Gente, 2019.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e Terapia**. 2009. 216 f. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O Dom da História**: Uma fábula sobre o que é suficiente. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

GAMA, Maria Eduarda Azevedo da. **Através do Espectro**: Redes de apoio social na vivência da maternidade atípica. 2019, 59 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação) – Universidade Federal da Bahia. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31100/1/Atrav%C3%A9s%20do%20Espectro%20-%20TCC.pdf>>. Acesso em 11 jul. 2022.

LEME, Sheyla. **Autocuidado e rede de apoio para mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Disponível em < <https://www.grupoconduzir.com.br/autocuidado-maes-criancas-tea/>>. Acesso em 02 ago. 2022.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

PARDINI, Cidinha. **Eu e a Biblioterapia**: Uma história de amor. Niterói: Nome Próprio (Edições Cândido), 2022.

REYES, Yolanda. **A substância oculta dos contos**: As vozes e narrativas que nos constituem. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2021.

SEIXAS, Cristiana. **Biblioterapia**: Cais de sopros vitais. Niterói: Cândido, 2021.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Quintais da Biblioterapia**: experiências na poética do cuidado. Volume 1. Coleção Biblioterapia. Niterói: Nome Próprio (Edições Cândido), 2020.

**BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo**

---

..... Volume 2. Coleção Biblioterapia. Niterói:  
Nome Próprio (Edições Cândido), 2022

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SOUSA, Carla. **Biblioterapia & Mediação Afetuosa da Literatura**. Florianópolis: Ed. da Autora, 2021.

## **Bibliotherapy as care for mothers of autistic children at AMA Conesul - RO**

**Abstract:** The atypical motherhood is the one in which the mother experiences a child's evolution outside of normality for having developmental delays as a result of some disability. This article delimits the research in the mothers of autistic children from the interior of the State of Rondônia, in the region known as "Cone Sul". These mothers participated in a cycle of four Bibliotherapy sessions. The impact of Bibliotherapy on the lives of these women was verified by recordings of the answer during the sessions, as well as through the final questionnaire. It was possible to perceive the strengthening of the bond in this support network, as well as manifestation of improvement in self-knowledge and gratitude for the experienced process.

**Keywords:** Bibliotherapy. Atypical Motherhood. Autism Spectrum Disorder.

**BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo**